

Coro

Casa da Música

Stephen Layton direcção musical

5 Nov 2022 · 18:00 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Giovanni Pierluigi da Palestrina

Missae Papae Marcelli, para coro misto a seis partes (1562)

Intercalada com motetes* de **Anton Bruckner** (1861-84)

- Ave Maria*
- Kyrie
- Gloria
- Locus iste*
- Credo
- Virga Jesse*
- Sanctus
- Benedictus
- Os justi*
- Agnus Dei
- Chistus factus est*

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.

Textos originais e traduções nas páginas 7 a 10.

Giovanni Pierluigi da Palestrina

PALESTRINA, C. 1525

ROMA, 2 DE FEVEREIRO DE 1594

Giovanni Pierluigi da Palestrina é um dos maiores compositores do Renascimento. A sua actividade passou por diversos e importantes cargos como músico e compositor: foi nomeado mestre capela da Basílica de S. Pedro em Roma, em 1551, e esteve ao serviço da Cúria Romana em diversos períodos, nos reinados de diferentes papas.

Palestrina é o autor de uma obra larga e superlativa, em grande parte construída no campo da música sacra. Compôs uma grande quantidade de motetes (mais de 300) para todo o tipo de textos e utilizações litúrgicas, 35 obras sobre o texto do *Magnificat*, 104 missas, responsórios da Semana Santa, muitos hinos.

Muito ligado ao movimento da Contra-Reforma, Palestrina foi desde sempre apontado como um dos modelos da música polifónica. Em larga medida apresentado como um dos maiores representantes da corrente musical franco-flamenga, foi evoluindo para uma escrita mais essencial, apoiada numa busca de clareza e perfeição, radicada na preocupação de fazer nascer a música dos princípios do Canto Gregoriano e no primado da inteligibilidade do texto. Uma grande capacidade de desenho das frases e secções, a que se acrescenta uma particular maestria no tratamento das formas e estruturas mais extensas, fez dele um dos mais notáveis mestres da polifonia.

Missa Papae Marcelli

Foi composta provavelmente em 1562 e publicada em 1567. Leva o nome do seu dedicatário, o Papa Marcelo II, com um pontificado excepcionalmente breve de poucas semanas.

A obra consta das tradicionais seis partes do Ordinário da Missa. Os textos mais extensos — “Gloria” e “Credo” — são tratados de forma homofónica e simplificada, enquanto o “Kyrie”, o “Sanctus”, o “Benedictus” e o “Agnus Dei” têm um tratamento polifónico mais desenvolvido e ornamentado. A escrita é para coro misto a 6 vozes (SATTBB), usando ao longo da obra diversas combinações, de acordo com a lógica da escrita e o carácter dos textos.

O “Kyrie” tem um desenho natural em três partes — “Kyrie eleison/Christe eleison/Kyrie eleison” —, tendo a parte central como espaço de contraste no que respeita à lógica da escrita melódica e numa curiosa utilização das vozes aos pares. Os “Kyrie” inicial e final são de uma cerrada escrita polifónica e imitativa.

O “Gloria” assenta numa escrita homofónica e silábica, tirando partido de diferentes combinações de vozes e de variação de registos, bem como de diversas articulações rítmicas, sempre de acordo com a fonética de cada palavra e o seu sentido e valor. As diferentes frases vão-se sucedendo de forma natural, pontuadas em alguns momentos pelo conjunto das 6 vozes. No final, um “Amen” largamente repetido e desenvolvido culmina todo o movimento.

O “Credo”, o texto mais longo e de carácter mais teológico, tem um tratamento musical relativamente semelhante ao “Gloria”, declamando de forma mais silábica e homofónica as afirmações da profissão de fé. As excepções — tal como sucede em grande parte das missas escritas ao longo da história — verificam-se no recolhimento do “Et incarnatus est” (a Encarnação), ou do “Passus et sepultus est” (a Paixão), reservando a maior exuberância para o “Et resurrexit” (a Ressurreição). O “Amen” final é novamente mais desenvolvido e exuberante.

O “Sanctus” retoma a escrita polifónica do “Kyrie”, utilizando largamente os processos da

imitação. O “Benedictus” — tradicionalmente mais interior e modulado — fica aqui a cargo das 4 vozes mais agudas (sem baixos, portanto), sublinhando de forma idiomática o carácter do texto. Isso permite também um grande contraste com a plenitude do Hossana, “orquestral”, na totalidade e amplitude das 6 vozes.

O “Agnus Dei” retoma um tratamento melódico próximo do “Kyrie” inicial. Desenvolve-se polifonicamente no seio da formação a 6 vozes, gerindo de forma pouco espalhafatosa uma técnica imitativa e canónica requintada, nomeadamente no final. A segunda frase do “Agnus Dei”, que se completa com o “dona nobis pacem”, alarga a formação para 7 vozes, com duas partes de soprano, criando uma textura mais aberta e luminosa.

Anton Bruckner

ANSFELDEN (ÁUSTRIA), 4 DE SETEMBRO DE 1824
VIENA, 11 DE OUTUBRO DE 1896

Anton Bruckner foi um organista de renome. A sua carreira passou pela catedral de Linz, vindo mais tarde a radicar-se em Viena, onde foi professor do Conservatório e organista da corte. Esteve sempre ligado a estas duas cidades. Como compositor, o seu percurso iniciou-se relativamente tarde e incidiu principalmente nos campos da música sacra com vozes (missas, salmos, *Requiem*, *Te Deum*), na música para órgão (aclamado improvisador) e na obra sinfónica (9 grandes sinfonias).

Compôs inumeráveis motetes ao longo da sua vida, muitos deles para coro *a cappella*. São obras breves e singelas mas que se contam entre as mais populares, sendo cantadas e gravadas um pouco por todo o mundo.

Como em todas as obras vocais, o texto — a fonética, a prosódia, o sentido, o valor de cada palavra e expressão — está na base da maior parte das opções do compositor. A estrutura do texto influencia por isso mesmo as escolhas musicais, nomeadamente ao nível da forma geral, mesmo em obras de pequena dimensão. Também o sublinhado e a repetição de palavras e frases têm que ver com a relevância de cada uma delas no conjunto do texto. Determina, em boa parte dos casos, o uso dos registos, a sua alteração súbita, os desenhos ascendentes ou descendentes, a intensificação ou a diminuição dos movimentos, os sublinhados ou acentos.

Estes motetes demonstram uma grande capacidade de expressão, construída em boa parte através de uma extraordinária economia de meios. Verdade se diga que toda a história da polifonia se foi construindo assim, nomeadamente na exploração plena dos recursos do canto *a cappella*. Mas não deixa de ser

maravilhoso constatar, sobretudo em tempos de grande sinfonismo — o próprio Bruckner é uma das grandes figuras da música sinfónica do Romantismo —, como continuaram plenas as enormes capacidades expressivas das vozes.

A escrita coral destes motetes vem na linha da grande tradição polifónica com claras referências ao legado renascentista, nomeadamente à escrita de Palestrina. Bruckner não precisaria de o dizer, tanto a estética da tradição vocal mais antiga se revela por detrás de uma música que é, também e principalmente, obra do seu tempo — sendo clara a utilização de recursos que ligamos ao Romantismo.

Ave Maria

Foi composta em Maio de 1861, em Linz, na época em que Bruckner desempenhava as funções de organista da catedral, e foi estreada nesse mesmo mês. É uma obra singela e despojada mas, ao mesmo tempo, de especial frescura e expressividade, resultantes em grande parte de uma tradução luminosa das palavras desta conhecida invocação. Escrita para coro *a cappella*, chega a utilizar 7 vozes em algumas passagens mais plenas e significativas.

A obra revela enorme sabedoria e engenho na utilização dos registos vocais. De início, o clima é plano e singelo, apenas com as vozes femininas a 3 partes. A nova frase, “et benedictus fructus ventris tui”, marca a entrada das vozes masculinas, alargando-se a massa coral e a amplitude até “Jesus”, o ponto mais alto da partitura. Um significativo silêncio assinala a separação para a segunda parte. Com “Sancta Maria” se retoma a mesma simplicidade e luminosidade do início da peça, mas esta invocação depressa alastra a todo o coro, cada vez mais poderosa, num processo de incessante imitação e alargamento. A parte final, “ora pro

nobis”, é já desenhada num outro clima, preparando o final em progressivo apagamento, “mortis nostrae”. Termina em *pianissimo*, com o “Amen” da clássica cadência plagal.

Locus iste

Este foi o primeiro dos motetes compostos em Viena, em 1869, na época em que Bruckner era professor de contraponto e harmonia no Conservatório da cidade. A ocasião foi a cerimónia de inauguração da capela votiva da catedral de Linz, primeira parte concluída da nova catedral. O texto breve é da liturgia da festa de dedicação de um templo e a peça foi escrita para coro misto a 4 vozes.

A frase inicial, “Locus iste a Deo factus est”, é repetida e ampliada numa escrita de alguma contenção, mas de carácter afirmativo e aberto. Uma nova proposição com o texto “inestimabile sacramentum”, numa mudança de registo e de textura, é feita pelos baixos e logo imitada por todos os naipes, em movimento ascendente. Depois de um silêncio expectante, surge uma breve mas significativa secção sobre a expressão “irreprehensibilis est”. A dinâmica é completamente contrastante, em *pianissimo*, numa sequência de escrita cromática, expressiva e interior. O motete termina com a repetição da parte inicial, alongada com um pequeno momento de escrita cromática e modulante antes do final natural, sustentado e meditado.

Virga Jesse

Foi composto em Setembro de 1885 e estreado na festa da Imaculada Conceição em Dezembro desse mesmo ano, em Viena, embora se suponha que tenha sido escrito para o centenário da diocese de Linz. O motete destinava-se a coro misto a 4 vozes, com um pontual

desdobramento das vozes masculinas numa secção central mais densa e orquestral.

O início é contido e expressivo, mas logo se alarga a frase até “floruit”, num clima de plenitude. Segue-se uma repetição uma terceira acima e, depois de um compasso de silêncio, “Vigo Deum et hominem genuit” mantém as características afirmativas, agora reforçadas pelo unísono de todas as vozes no início de cada frase. A parte central é escrita numa polifonia mais cerrada, em imitação constante. Partindo de uma dinâmica muito contida e expressiva — “Pacem Deus reddidit” — em absoluto contraste com a frase anterior, tudo se vai desenrolando num processo de alargamento dos registos e de densidade harmónica, em crescendo, conduzindo até ao ponto culminante do motete, de uma sonoridade plena e orquestral. Um novo contraste — “in se reconcilians ima sumis” — reconduz a escrita a sonoridades mais meditativas, num processo que envolve um movimento harmónico para a tonalidade inicial. Aí nascerá o “Aleluia” final, rítmico, dinâmico e exterior. Mas o final volta a ser contido e singelo.

Os justi

Foi composto em Julho de 1879, para coro misto a 8 vozes (embora em parte significativa apenas a 4 vozes). Este motete é o mais claro exemplo da influência da polifonia renascentista e do legado de Palestrina na obra coral de Bruckner. De escrita eminentemente diatónica e claramente modal, a obra revisita esse legado de novas formas.

Na parte inicial, o sentido do texto é traduzido admiravelmente por uma escrita homofónica, em acordes sustentados e claros. Uma repetição do texto, alternando agora entradas de vozes masculinas e femininas, vai

intensificando e alargando a sonoridade, com recursos vocais mais significativos (8 vozes), detendo-se a polifonia num longo vocalizo sobre a palavra “sapientia”. A parte central é ocupada por uma desenvolvida polifonia — um fugato sobre o texto “et lingua ejus loquetur iudicium” — numa escrita hábil e polifonicamente desenvolvida, logrando manter a transparência modal e o equilíbrio da harmonia construída com acordes perfeitos. Uma significativa respiração marca o regresso da escrita inicial, com o mesmo alargamento da sonoridade e o longo vocalizo que lhe sucede. A música retoma, na parte final, a serenidade e a contenção com que começara. Merecem registo dois pormenores: uma frase gregoriana cantada pelos sopranos, sobre um acorde imutável sustentado por todas as outras 5 vozes; e, no fim de tudo (e um tanto inesperadamente), um singelo “Aleluia” gregoriano cantado em unísono por todas as vozes.

Christus factus est

Escrito em 25 de Maio de 1884, em Viena, para coro misto a 4 vozes, foi estreado uns meses mais tarde, em Novembro. É o mais desenvolvido de todos os motetes, tanto na extensão como no grau de elaboração e no alcance de todo o conjunto de meios que utiliza. Disto é exemplo um hábil recurso a modulações e passagens cromáticas, permitindo criar ambientes de uma grande intensidade expressiva. Tal fica a dever-se, em boa parte, ao carácter dramático que se respira neste significativo texto da Paixão de Cristo — que é o Gradual das missas do Domingo de Ramos e de Quinta e Sexta-Feira Santa.

O início do motete, de sonoridade interior e grave, cria desde logo o ambiente que marcará toda a peça. Aí merece sublinhado o acento sobre a palavra “obediens”, largamente

repetida, bem como o longo movimento descendente sobre a mesma palavra, vindo a culminar no registo grave, sustentado, sobre “usque ad mortem, mortem autem crucis”. Depois de uma pausa significativa, uma secção construída sobre a frase “propter quod et Deus exaltavit illum” vai caminhado de um registo grave e contido para uma escrita aberta e sonora. Esta intensificação é, em boa parte, produzida pela modulação. Um crescendo inicia-se com a expressão “quod est super omne nomen”, atingindo-se na palavra “nomen”, diversas vezes repetida e sublinhada, o ponto mais alto de todo o motete. Merece relevo uma nova leitura destas mesmas palavras, em ambiente mais contido e sobre uma longa nota pedal, nos baixos, de alguma forma pontuando o discurso musical. Uma subida e um crescendo muito pronunciado conduzem mais uma vez à palavra “nomen”. Há uma longa pausa, carregada, antecedendo a expressão “super omne nomen”, cantada em *fortissimo*. Segue-se um novo contraste, em *pianissimo*, sobre nota pedal (desta vez a tónica). Por este registo se manterão as vozes, caminhando para um final interior e expressivo.

FERNANDO C. LAPA, 2022

Ave Maria

*Ave Maria, gratia plena,
Dominus tecum,
benedicta tu in mulieribus,
et benedictus fructus ventris tui, Jesus.*

*Sancta Maria, Mater Dei,
ora pro nobis peccatoribus,
nunc et in hora mortis nostrae.
Amen.*

Ave Maria cheia de graça
O senhor está contigo,
Bendita sejas entre as mulheres,
E bendito o fruto do teu ventre, Jesus.

Santa Maria, mãe de Deus,
Roga por nós, pecadores,
Agora e na hora da nossa morte.
Ámen.

Kyrie

*Kyrie eleison.
Christe eleison.
Kyrie eleison.*

Senhor, tem piedade.
Cristo, tem piedade.
Senhor, tem piedade.

Gloria

*Gloria in excelsis Deo
Et in terra pax hominibus bonae voluntatis.
Laudamus te, benedicimus te,
adoramus te, glorificamus te.
Gratias agimus tibi
propter magnam gloriam tuam.
Domine Deus, Rex caelestis,
Deus Pater Omnipotens,
Domine Fili unigenite Jesu Christe,
Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patris.
Qui tollis peccata mundi
miserere nobis.
Qui tollis peccata mundi
suscipe deprecationem nostram.
Qui sedes ad dexteram Patris
miserere nobis.
Quoniam tu solus sanctus,
tu solus Dominus, tu solus altissimus,
Jesu Christe.
Cum Sancto Spiritu, in gloria Dei Patris.
Amen.*

Glória a Deus nas alturas
e paz na terra aos homens de boa vontade.
Nós te louvamos, nós te bendizemos,
Nós te adoramos, nós te glorificamos.
Damos graças a ti
pela tua glória infinita.
Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai onnipotente,
Senhor Jesus Cristo, filho único de Deus,
Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai.
Tu que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.
Tu que tiras os pecados do mundo,
aceita nossa súplica.
Tu que estás sentado à direita do Pai,
tem piedade de nós.
Porque só tu és santo,
só tu és o Senhor, só tu o altíssimo,
Jesus Cristo.
Com o Espírito Santo na glória de Deus Pai.
Ámen.

Locus iste

*Locus iste a Deo factus est,
inaestimabile sacramentum,
irreprehensibilis est.*

Credo

*Credo in unum Deum,
Patrem omnipotentem,
factorem caeli et terrae,
visibilium omnium et invisibilium.
Et in unum Dominum Jesum Christum,
Filium Dei unigenitum
et ex Patre natum
ante omnia saecula.
Deum de Deo, lumen de lumine,
Deum verum de Deo vero,
genitum, non factum,
consubstantialem Patri,
per quem omnia facta sunt.
Qui propter nos homines
et propter nostram salutem
descendit de caelis.*

*Et incarnatus est de Spiritu Sancto
ex Maria virgine, et homo factus est.
Crucifixus etiam pro nobis,
sub Pontio Pilato passus et sepultus est.
Et resurrexit tertia die,
secundum scripturas.
Et ascendit in caelum,
sedet ad dexteram Patris,
et iterum venturus est cum gloria,
iudicare vivos et mortuos,
cujus regni non erit finis.
Et in Spiritum Sanctum,
Dominum et vivificantem,
qui ex Patre Filioque procedit,
qui cum Patre et Filio
simul adoratur et conglorificatur,
qui locutus est per prophetas.*

Este lugar foi feito por Deus,
sacramento inestimável,
obra irrepreensível.

Creio num só Deus,
Pai todo-poderoso,
criador do céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio num só Senhor, Jesus Cristo,
Filho unigénito de Deus
e nascido do Pai
antes de todos os séculos.
Deus de Deus, luz de luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado, não criado,
consubstancial ao Pai,
por quem todas as coisas foram feitas.
O qual por nós homens
e para nossa salvação
desceu dos céus.

E se encarnou, por obra do Espírito Santo,
da Virgem Maria e se fez homem.
Foi crucificado por nós,
e sob Pôncio Pilatos padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia,
segundo as escrituras.
E subiu ao céu,
está sentado à direita do Pai,
e outra vez há-de vir com glória
para julgar os vivos e os mortos,
e o seu reino não terá fim.
E no Espírito Santo,
Senhor e fonte de vida,
que procede do Pai e do Filho,
que com o Pai e o Filho
é igualmente adorado e glorificado,
e que falou por meio dos profetas.

*Et unam sanctam,
catholicam et apostolicam ecclesiam.
Confiteor unum baptisma
in remissionem peccatorum.
Et expecto resurrectionem mortuorum.
Et vitam venturi saeculi.
Amen.*

E na santa Igreja
católica e apostólica.
Confesso um só baptismo
para a remissão dos pecados.
E espero a ressurreição dos mortos.
E a vida eterna.
Ámen.

Virga Jesse

*Virga Jesse floruit:
Virgo Deum et hominem genuit:
pacem Deus reddidit,
in se reconcilians ima summis.
Alleluia.*

O ramo de Jessé floresceu:
uma Virgem deu à luz Deus e o homem:
Deus restaurou a paz, reconciliando
em Si mesmo o mais baixo e o mais alto.
Aleluia.

Sanctus

*Sanctus, sanctus, sanctus Dominus,
Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt caeli et terra gloriae tua.
Hosanna in excelsis.*

Santo, santo, santo é o Senhor,
Senhor Deus do Universo.
Cheios estão os céus e a terra de tua glória.
Hossana nas alturas.

Benedictus

*Benedictus qui venit in nomine Domini
Hosanna in excelsis.*

Bendito o que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

Os justí

*Os justí meditabitur sapientiam:
et lingua ejus loquetur judicium.
Lex Dei ejus in corde ipsius:
et non supplantabuntur gressus ejus.
Alleluia.*

As palavras do justo são sábias;
ele fala sempre com rectidão.
Ele traz no coração a lei de Deus,
por isso os seus passos são firmes.
Aleluia.

Agnus Dei

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
miserere nobis.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi,
dona nobis pacem.*

Cordeiro de Deus
que tiras os pecados do mundo,
tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
que tiras os pecados do mundo,
dá-nos a paz.

Christus factus est

*Christus factus est pro nobis obediens
usque ad mortem, mortem autem crucis.*

*Propter quod et Deus exaltavit illum
et dedit illi nomen,
quod est super omne nomen.*

Cristo tornou-se obediente por nós,
até à morte, a morte na cruz.

Por isso Deus o elevou acima de tudo
e lhe concedeu um nome,
que está acima de todos os nomes.

Stephen Layton direcção musical

Condecorado com um MBE (Member of the Most Excellent Order of the British Empire) em Outubro de 2020 pelos serviços prestados à música clássica, Stephen Layton é um dos maestros mais solicitados da sua geração. Frequentes vezes descrito como um dos expoentes mais requintados na música coral internacional da actualidade, a sua abordagem pioneira tem uma profunda influência na música coral dos últimos 30 anos.

Professor e director musical do Trinity College de Cambridge, é também fundador e director do coro Polyphony e director musical dos Holst Singers. Foi maestro principal do Coro de Câmara dos Países Baixos, maestro convidado principal do Ensemble Vocal Nacional Dinamarquês, director artístico e maestro principal da London Sinfonia e director musical da Temple Church, em Londres.

Stephen Layton é convidado com regularidade para trabalhar com os coros, as orquestras e os maestros de maior projecção internacional. As suas interpretações foram ouvidas em locais tão distintos como a Ópera de Sidney e o Concertgebouw, de Tallinn a São Paulo, e os seus discos conquistaram ou foram nomeados para todos os grandes prémios internacionais. Tem dois Gramophone Awards (e mais dez nomeações), cinco nomeações para os Grammy, o Diapason d'Or de l'année (França), o Echo Klassik (Alemanha), tendo ainda sido distinguido em Espanha e na Austrália, com o Limelight Recording of the Year.

Layton é muito procurado para estreias de novas obras, tanto de compositores de renome, como de jovens talentos. Apaixonado pela descoberta de música, foi o responsável pela introdução de um vasto repertório coral no Reino Unido e no resto do mundo. Entre os seus

parceiros de longa data estão os compositores Arvo Pärt e Sir John Tavener; no Báltico, Eriks Ešēnvalds, Uģis Prauliņš e Veljo Tormis; e, nos Estados Unidos da América, Morten Lauridsen e Eric Whitacre (autores das peças que garantiram a nomeação de Layton para dois Grammy Awards).

Dos seus discos premiados constam obras de Britten, James MacMillan, Bruckner, Händel (“Melhor gravação do *Messias*” pela BBC Music Magazine, com a Britten Sinfonia) e Bach — a *Paixão segundo São João*, a *Oratória de Natal* e a *Missa em Si menor*. As gravações de Layton têm consistentemente desbravado novos caminhos, gerando uma sonoridade inovadora na música coral britânica.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório eclético que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Mais recentemente, dividiu com o Remix Ensemble a primeira audição mundial do *Requiem* de Francesco Filidei. Fez ainda estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos

XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi e muitas outras.

A temporada de 2022 confirma a versatilidade do Coro, atravessando praticamente todos os períodos da história da música coral, desde Palestrina e Bach ao experimentalismo de Mauricio Kagel e Cornelius Cardew, incluindo obras de referência como as *Vésperas* de Rachmaninoff e Motetes de Bruckner, além de música contemporânea de compositores portugueses. Em parceria com as orquestras da Casa da Música, interpreta o *Requiem* de Verdi, a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, o *Credo* de Arvo Part e a *Missa Cellensis* de Haydn.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid, no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marseilha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Sopranos

Alexandra Moura
Ângela Alves
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Rita Venda

Contraltos

Brigida Silva
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes

Tenores

Almeno Gonçalves
André Lacerda
Luís Toscano
Vitor Sousa

Baixos

Francisco Reis
Luís Pereira
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Ricardo Torres

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

